

ENTES

CLEBER PACHECO

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2017



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Cleber Pacheco

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P116E PACHECO, CLEBER. 1965-
ENTES / CLEBER PACHECO. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2016.

70p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-249-1

1. FICÇÃO 2. NARRATIVA, ROMANCE
EXPERIMENTAL I. TÍTULO

CDD.: B869.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.



ENTARDECER



ESPREITAM, OS ANIMAIS, enquanto ruminam o fim da tarde guardando um segredo. Se alguém perguntar o que há por detrás de seus olhos, apenas seguirão babando, em silêncio. Ninguém nunca saberá o que se passa com eles. Na escuridão, quando o raio cai, surgem brasas na penumbra: incendiar de órbitas no furor da madrugada. Melhor permanecer alheio, calar-se.

Soar de sino ao longe. Anoitece.

Move-se para frente, um rumor se espalha sob, mais que escondido. Talvez seja uma gota caindo. Talvez seja a Terra girando.

São minhocas contorcendo-se debaixo do chão ou serão demônios?

Ele prossegue. Vai espiar uma toca deflorada no solo. Poderia enxergar legiões de entes revirando-se. Poderia ouvir lamentos dos danados.

É escuro, nenhum ruído de escamas arrastando-se ou um grito.

Surgem unhas, arranham sua mão, ele cai ri levanta-se. Aguarda, nada acontece. Melhor continuar o caminho.

Rumor vai se diluindo. Talvez minhocas tenham cessado de fabricar seus túneis. Ou demônios tenham silenciado em seus túmulos.

Suor escorre das têmporas, ardem carnes do peito, esgarçam-se fibras dos nervos.

Voltando para casa.

A porta da frente está aberta.

Casa horta pátio, tudo imóvel. Somente ciscos na garganta. A conversão em pedra. Abandono. Nem o irmão. Ninguém.

O que aconteceu?

Sol se põe, a lua, a noite povoada de crateras. Quietude. Nem mesmo insetos cochicham. Não há estalinhos de antenas secas ou quelíceras fechando-se. Talvez um longínquo trinado.

Ele deveria estar aqui. Sempre está.

Tudo é sombra. Ao longe uma figura parece inclinar-se e vasculhar algo. Tudo é pó.

Tenho de fazer o jantar. Cozinhar legumes.

Retorcidas macieiras resmungam entre si, uns ogros. Melhor nunca tentar entender sussurros de velhas macieiras.

Agora não vai ligar rádio nem pegar ratos defecando sobre louça e grãos. Mais tarde. Precisa chegar até a horta.

Ele saiu? Deve ter ido comer vermes ou lesmas.

Não obtém esclarecimentos, nem a mata logo adiante renderia respostas. Agora quem pode deixar rastros é tão somente o molho marinho da noite.

Ele vai até o vulto e este permanece estático. Reconhece. É apenas espantalho e sua cara rota vomitando-se pelos buracos.

Procura, é preciso encontrá-lo, continua.

Volta para o pátio.

Esta noite não vou dormir, bem sei.”

Crê ter captado um ruído, examina em volta.

Menino outrora enrodilhado em cinzas vai esticando cabeça e principia a surgir de dentro do forno de barro onde estivera dormindo.

Lúcio.

Está desperto.

Criaturinha parida do forno pisca.

Lúcio, vamos até a horta.

Portão caído, cercas tortas. Ajoelham-se, arrancam formas e volumes entre os torrões. Tatear nas sombras nos canteiros, encontrar talvez um porongo e seu chocalhar de sementes.

Aaaaaaaaaaaaaacc.

Ver irmão ajoelhado a comer terra, experimentando gosto dos torrões, o seu dentro, a provar lamber seixos deglutir formigas a escorrerem pela garganta em meio a mosaico de pernas-antenas.

Pare com isso. Volte para casa e me espere. Vá para a cozinha.

Menino fica ajoelhado, de cócoras em seguida, mirando o nada.

Quem foi que balbuciou agora? Quem sabe um vulcão quase extinto acabou de morrer. Quem sabe seja o sangue a percorrer as veias tunc tunc tunc.

Vamos.

Continua abaixado, unhas sujas a esperar sempre, prontas a arranhar, o menino saído das goelas de barro do forno onde adormecera.

Cccrrrrroac. Sobe duma garganta distante uma coisa.

Lúcio, precisamos jantar.

Ssssssssss murmura a paisagem. Ambos permanecem na horta. O pequeno olha o chão espia rachaduras na crosta da terra atravessada de veiazinhas, olhos tentando tudo enxergar, querendo saber.

Limpar legumes, segurá-los com a blusa, abrir portão.

Sabe, estive na mata esta tarde. Descobri vertentes, água pura. Vamos buscar amanhã. Para beber. É isso.

Retornam enfim, na travessia de pedras do pátio, nenhuma luz acesa, penumbra. O velório da tarde.

No interior da casa, paredes respiram, móveis transpiram.

Vai ficar pronto logo. Vá buscar lenha.

Estalam gravetos, fogo bamboleia em pontinhos e acende o chão de tábuas, um rio imóvel parecem.

Ele descasca, prepara a comida.

Menino, debaixo da mesa, rola carretéis sem linha. Observa-os correrem e saltarem, chocando-se uns contra os outros, numa aflição de movimento.

Bichinhos rastejam nas frestas. Mariposas batem nas vidraças. Borbulha a água na panela.

Blub blub blub. A fumaça sobe. E se perde.

Você não vai mais comer essas porcarias diz ele com irritação. Nunca mais.



www.editorapenalux.com.br



cleberjpacheco@gmail.com



[/cleber.pacheco.18](https://www.facebook.com/cleber.pacheco.18)